

CASO AMANDA TODD: UMA OPORTUNIDADE DE REFLETIR O CYBERBULLYING NA ESCOLA

IF AMANDA TODD: AN OPPORTUNITY TO REFLECT CYBERBULLYING IN SCHOOL

Rodrigo Silva Perfeito; Deivison da Silva Silveira; Monique Fátima de Carvalho Lima; Claudio Ferreira Barros
Instituto Fisart

Contato:rodrigosp@ yahoo.com.br

RESUMO: Trata-se de uma pesquisa descritiva exploratória, de abordagem qualitativa, com o objetivo de verificar como os estudantes compreendem e lidam com o bullying e o cyberbullying sofridos em ambiente escolar. Foram utilizados como instrumentos de coleta de dados a visualização de um vídeo que conta a história de Amanda Todd, seguido de um questionário estruturado e entrevista semi-estruturada em 20 alunos, de ambos os sexos, com idades entre 13 e 16 anos, matriculados em uma escola privada do estado do Rio de Janeiro. Nos resultados averiguamos que 60% dos participantes já haviam sofrido preconceito tradicional e 65% o virtual. Em considerações finais, acreditamos que a escola ainda não proporciona suporte adequado aos discentes.

Palavras chave: Psicologia escolar; cyberbullying; Caso Amanda Todd

ABSTRACT: This is a descriptive exploratory qualitative approach, with the goal of checking how students understand and deal with bullying and cyberbullying sustained in the school environment. Were used as instruments to collect data viewing a video that tells the story of Amanda Todd, followed by a structured questionnaire and semi-structured interviews of 20 students, of both sexes, with ages between 13 and 16 years enrolled in a private school in the state of Rio de Janeiro. In the results we ascertain that 60% of participants had undergone traditional bias and 65% virtual. In the conclusion, we believe that the school does not provide adequate support for students.

Keywords: Educational psychology; cyberbullying; Should Amanda Todd

Introdução

O triste ocorrido com a jovem canadense Amanda Todd é um claro retrato do despreparo da sociedade e da escola quando nos deparamos com o assunto *cyberbullying*. Após vários meses de estigmatização, ridicularização e falta de amparo de algumas vertentes fundamentais, como a de profissionais especializados, Amanda não suportou a imposição de inferioridade perante seus colegas e se suicidou. Trata-se de um acontecimento trágico e pouco entendido pela sociedade, uma vez que os indivíduos constituintes da mesma, em sua grande maioria, visualizam os fatos por indícios superficiais e diretos. Por entendermos que o fenômeno sofrido pela adolescente ocorre por vias muito mais complexas do que o da comunicação direta, como pela via simbólica, pouco discutida em trabalhos de tema semelhante, surge o interesse em refletir e discutir esta temática.

O objetivo do estudo é verificar como estudantes adolescentes de uma escola situada no município do Rio de Janeiro

compreendem o preconceito sofrido pela Amanda Todd, auxiliando na adequação de vertentes para reflexão, compreensão e minimização do preconceito.

Com já dizia Perfeito (2012), nos dias atuais, toda a população está imersa pelo crescimento e necessidade de mais criações tecnológicas com possibilidade de acesso a todo tipo de informação de forma rápida e simplificada.

O principal agente facilitador e formador das redes de comunicação da informação e tecnologia é a *internet*. Hoje, esta representa um dos principais meios de troca de dados em massa, na qual pessoas de todas as partes do mundo possuem a capacidade de se conectar e compartilhar documentos e notícias por meio de ambiente virtual chamado ciberespaço, promovendo, por exemplo, a modernização do processo de ensino/aprendizagem. Surge então, como dizem Rossetti *et al.* (2008) a utilização das tecnologias e das redes sociais de relacionamento como meio de eficiência educacional e trabalhista.

Isso pelo fato desta ser uma ferramenta capaz de ser utilizada de qualquer lugar, independente da classe social (BARBOSA, CAPPI e TAVARES, 2005). É possível acessá-la em nossas casas, em locais públicos, instituições de ensino, hospitais, entre outros, disponibilizada por cabos, sinal a rádio, redes sem fio (*wi-fi*), por meio de celulares, *notebooks*, e *tablets*.

No entanto, a positividade da rápida comunicação e troca de informações pode ser aproveitada de maneira antagônica às propostas de ensino e conversação. Para Garcez (2014) a tecnologia também pode ser utilizada para disseminar informações de cunho negativo e preconceituoso, fenômeno conhecido como *cyberbullying* e ocorrido no ciberespaço.

De acordo com Silva Júnior (2001), o termo ciberespaço teve sua origem na palavra inglesa *cyberspace*, criada por William Gibson em 1982 através da junção das palavras *cybernetic* (cibernético) e *space* (espaço). Pode ser entendido como um ambiente consensual e não físico acessado diariamente por milhões de pessoas no mundo inteiro. Em complemento, Perfeito (2012) diz

que o mesmo é definido como um local tecnológico-digital que possibilita redes de comunicação coletiva, auxiliando na criação e multiplicação das informações em grande velocidade. Portanto, trata-se de um ambiente virtual que conecta os participantes a qualquer parte do planeta, acessando dados da rede mundial de tecnologias por meio de computadores, celulares e outros aparelhos.

Já o *cyberbullying*, junção das palavras *cyber* e *bullying*, é uma variação do *bullying* tradicional (MALDONADO, 2011). Diferente do preconceito habitual, em que é necessária a presença física de pelo menos dois agentes, o agressor e o agredido, no virtual, não há obrigação da presencialidade. Basta o agressor acessar a *internet* e inserir informações na rede em qualquer hora do dia.

Além disso, no *bullying* virtual, existe a possibilidade de anonimato e de disseminação da informação por tempo indeterminado, alcançando proporções tão altas, que pode ser visualizado por um quantitativo grandioso de pessoas ao mesmo tempo, tornando o fenômeno ainda mais difícil de ser combatido,

maximizando seus efeitos. Diante desses motivos, principalmente pela facilidade de acesso e possibilidade de anonimato, estamos presenciando aumentos constantes e progressivos de casos de *cyberbullying*.

Portanto, se por um lado a facilidade ao acesso às informações torna a vida moderna mais prática e confortável, por outro, também promove a dispersão de atos violentos, a ridicularização e desvalorização do outro.

Nas redes sociais, não é difícil presenciar pessoas expondo fotos, vídeos, pensamentos e mensagens com o intuito de estigmatizar e causar violência simbólica, como no caso de Amanda Todd. Compartilhando da mesma ideia, Mason (2008), expõem que pela falta de instrução social e escolar, o ciberespaço além de alcançar notoriedade, se tornou um lugar comum de violência.

Assim, são formados discursos violentos mediados pelo instrumento de comunicação, que varia de acordo com a época, visando atingir nocivamente uma ou mais pessoas ligadas ao círculo de informações. Por mais que os meios tecnológicos permitam a

disseminação da cultura, igualmente multiplica ações criminosas (PINHEIRO, 2009).

De tal modo, tanto a sociedade em geral, quanto a família, a escola, e o professor devem estar atentos ao como estão sendo utilizadas as ferramentas da informação, de modo a evitar recorrências preconceituosas.

Buscando uma melhor discussão sobre o assunto e o ocorrido com Amanda, iremos inicialmente contextualizar o caso da adolescente, para que em momento posterior, exista a possibilidade de discussão dos dados contidos nas falas dos adolescentes quanto à presença e repercussões do *cyberbullying* em suas vidas.

Por último, a relevância científica deste trabalho consiste em tratar o tema por olhares ainda pouco discutidos na temática, com reflexões por meio do simbólico, que podem auxiliar em pesquisas futuras junto aos artigos já publicados. Sua relevância social se expõe no estimular de novas reflexões quanto à compreensão e possível minimização do preconceito, que tanto destrói vidas por todo o mundo.

Simbólico para Cassirer (1994) é tudo aquilo representando pelo viver em conjunto com outro diante das teias de relacionamento. Isto, pois o homem não vive limitado à realidade dos acontecimentos. Existem esquemas representativos inerentes a cada indivíduo.

A história de Amanda Todd

Na época em que se iniciaram os episódios preconceituosos, Amanda tinha 12 anos. Assim como a grande maioria dos adolescentes desta faixa etária, utilizava diariamente sites de relacionamento e salas de bate papo para conhecer e se relacionar com novas pessoas. Em uma dessas ocasiões conheceu um rapaz, e após algumas conversas, foi seduzida por elogios a despir seus seios e mostrá-los por meio da *webcam*. O que Amanda não esperava, é que toda a conversa estava sendo gravada em vídeo. A partir desse momento, a vida da jovem não seria a mesma.

Um ano após o ocorrido, quando seu ato já havia sido silenciado, a mesma pessoa que lhe propôs realizar atos que denegriam a sua imagem,

novamente entra em contato pelo site de relacionamentos, o *Facebook*, com tons de ameaça caso se negasse a ficar totalmente nua pela *webcam*. Para pressioná-la ainda mais, deixou claro que tinha diversas informações sobre sua vida.

O agressor sabia seu endereço, quem eram seus amigos, aonde estudava, os lugares que frequentava, entre outros. Provavelmente, dados conseguidos pelo próprio *Facebook*, site que explana todas essas informações cedidas pelo usuário. Amanda se negou.

Após algum tempo, a polícia chega à casa de Amanda relatando que a foto de seus seios tinha sido espalhada pela *internet*.

Passou-se mais um ano. O agressor/estigmatizador de Amanda retorna com uma página no *Facebook* utilizando a imagem de seus seios como a foto de perfil e com uma lista atualizada dos novos lugares que a menina frequentava. Além disso, os amigos da jovem visualizaram fotos e informações constrangedoras do ocorrido, o que culminou em atitudes preconceituosas e agressivas por parte dos mesmos. Ao sentir falta

de respeito de seus amigos, Amanda iniciou repetidas ações de automutilação.

Tentando se afastar e se esconder do agressor, modificou toda sua vida. Transferiu-se de moradia e de escola, mas mesmo assim, os xingamentos e julgamentos a perseguiram, fazendo com que as suas redes de amizades reduzissem. Em um momento de extrema tristeza e fragilidade emocional, conheceu um rapaz de sua escola que dizia gostar muito dela, chamando-a para casa dele. Iludida, Amanda acredita ser uma possibilidade de ter alguém que gostasse dela. Os dois tiveram relações sexuais e dias após o ocorrido, um grupo de pessoas, incluindo o próprio rapaz e sua namorada, humilham e agridem fisicamente Amanda, que fica caída em frente à escola enquanto todos gravavam as cenas com seus celulares. Relata em seu vídeo: “Eu estava completamente sozinha e deixada no chão”.

Desesperada e descrente do valor da vida tenta suicídio ingerindo alvejante, porém sem “sucesso”. Retornando da internação médica, abre seu *Facebook* e depara-se com várias frases agressivas a sua pessoa, como: “espero que ela morra”, “ela devia tentar outro tipo de veneno” e “espero que ela morra dessa vez”.

Alguns dias se passaram após a última intoxicação, e o corpo da adolescente é encontrado. Amanda “escapa” de seu sofrimento. Havia se suicidado, tinha se enforcado.

No mesmo dia da tragédia, a história de Amanda comove a todos percorrendo o mundo por meio dos sites de relacionamento. Foram criadas diversas páginas no *Facebook*, como o da (figura 01), meio pelo qual, usuários da referida rede social explicitavam suas homenagens e sentimentos de revolta pelo ocorrido. Além do *Facebook*, o caso da adolescente foi divulgado pelo *Youtube*, *Twitter*, entre outras redes.

Figura 01: Página criada no Facebook para homenagear Amanda Todd.

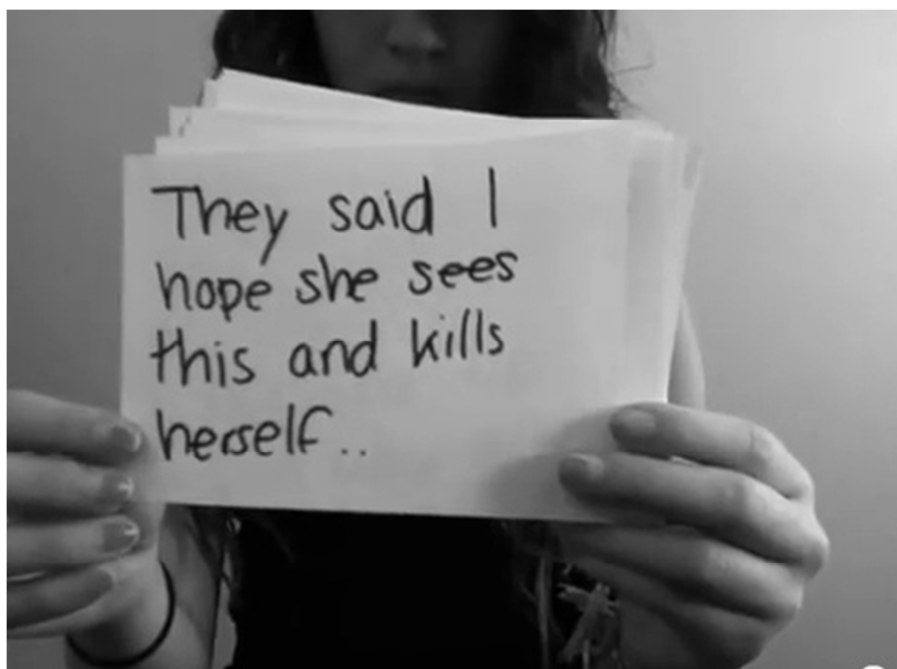


Fonte: [https:// www.facebook.com/pages/RIP-Amanda-Todd/472606062784532](https://www.facebook.com/pages/RIP-Amanda-Todd/472606062784532)

Aos leitores que desejarem assistir o vídeo que antecede seu suicídio em 10 de outubro de 2012, terão acesso pelo link:

<<https://www.youtube.com/watch?v=9ZE3n1tgz5I>>. Acessado em 21 de Fevereiro de 2013.

Figura 02: Foto do vídeo de Amanda antes de se suicidar.



Fonte: Print Screen do vídeo postado no Youtube

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa descritiva exploratória, com abordagem qualitativa, pois possui como principais características a observação, o registro, a descrição e a correlação de fatos ou fenômenos (THOMAS, NELSON e SILVERMAN, 2012) e análise do conteúdo dos discursos (BARDIN, 1994) dos participantes da pesquisa. Para a coleta dos dados foram utilizados um questionário estruturado, seguido de entrevista semi-estruturada em 20 alunos, de ambos os sexos, com idades entre 13 e 16 anos, matriculados em uma escola privada do estado do Rio de Janeiro, durante as aulas de Educação Física Escolar.

No primeiro dia de procedimentos, os alunos assistiram ao vídeo de Amanda Todd com a respectiva tradução para a língua portuguesa, e ao final, preencheram um questionário a fim de verificar se já ouviram falar sobre o *bullying* e *cyberbullying*, se já sofreram um dos fenômenos e se acreditam que a escola poderia ajudar de alguma maneira.

Para a revisão de literatura, foram consultados artigos científicos

alcançados por busca nos bancos de dados do *Pubmed*, *Scielo* e *Google Acadêmico* com os descritores *cyberbullying*, *bullying* e *suicídio* nas línguas portuguesa e inglesa, além de livros nacionais e internacionais contidos em biblioteca pessoal.

Resultados

Iremos iniciar a apresentação dos resultados diante de informações coletadas pelo questionário que continha cinco perguntas sobre o conhecimento dos termos *bullying* e *cyberbullying* e sua relação com os eventos na escola.

P.1 - Você sabe o que é *bullying* e *cyberbullying*? Sim ou não?

P.2 - Já sofreu algum tipo de preconceito na escola?

P.3 - Já fizeram algo que não gostou pela *internet*?

P.4 - Já teve vontade de mudar de escola?

P.5 - Acha que a escola poderia ajudar em algo?

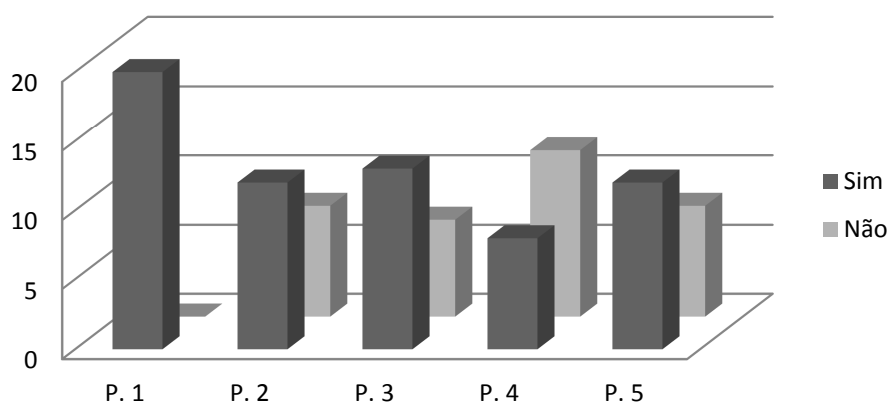


Gráfico 1: Vivência discente sobre o *bullying*

Diante dos dados, podemos perceber que 100% dos entrevistados afirmaram saber o que é o *bullying* e o *cyberbullying*; 60% já haviam sofrido o preconceito tradicional e 65%, o virtual; 40% já pensaram em mudar de escola; e 60% acreditam que a escola pode auxiliar de alguma maneira.

Além disso, foram selecionadas as seguintes perguntas, seguidas de suas respostas, disponibilizadas na tabela 01. Vale a ressalva de que nem todos os alunos responderam as perguntas na totalidade. Nesse caso e nos que disseram não ter

sofrido o *bullying*, não foi adicionada qualquer resposta. As falas foram mantidas, sendo empregados apenas os acertos de linguagem. Utilizamos a barra “/” para separar os discursos de cada discente.

P.1 - Caso já tenha sofrido algum preconceito, do que era chamado ou qual era a "brincadeira"? Como se sentia?

P.2 - Após sofrer o preconceito, se pudesse fazer algo sem ser punido, o que faria?

P.3 – Se pudesse fazer parte da história da Amanda, o que faria para evitar o que aconteceu com ela no vídeo?

Tabela 01: resultados qualitativos

Perguntas	Respostas
P.1	Me chamavam de orelhudo. Às vezes me magoava, mas aceito numa boa, fazer o que né!? / Me chamavam de imbecil, animal, burro, etc. O que eu fazia era revidar os palavrões / Patati e patata, fofão. Depois disso não usava mais maquiagem e tentava emagrecer a todos os modos / Eles ficam gozando da minha calopsita que morreu na minha mão. Sentia vontade de não contar mais nada para aqueles idiotas / Ofensas, me chamaram de macaca e outros apelidos. Mas como a pessoa estava em anonimato não tinha como eu descobrir, então deixei pra lá e nem liguei / De gordinho. Ah, minha vontade era a de meter a porrada em todo mundo, mas sempre apanho, então deixei para lá / De magrelo ou minho. Já sou tão zoadado, que até acabo deixando para lá, porque nem xingar e nem mandar parar adianta / Me enviavam um vídeo de um homem transando com outro homem para me chamar de viadinho. Tentava pegar todas as minas para mostrar para eles que sou sinistro e não sou viado / Cara de mula. Acho normal, assim como zoava eles também, e realmente minha cara é feia mesmo / Sempre me chamam de baleia. Me sinto triste, porque não consigo emagrecer e parece que não gostam de mim por causa disso / De anão. Ah, depois que eu crescer isso vai passar. Ser baixinho não é tão ruim assim, só para algumas coisas / Olivia Palito. Fico chateada, porque mando parar e não param. Mas minha mãe já mandou eu me afastar dessas pessoas / Brincadeira apenas, essa história de <i>bullying</i> é coisa de viado que não suporta zoeira.
P.2	Sem que ninguém me perseguisse iria à direção e à polícia para que meu agressor fosse punido e pudesse pensar melhor o que fez / Meu sentimento é de vingança e se pudesse matava a pessoa, assim não iria mais perturbar ninguém / Nunca pensei no assunto, mas acho que me vingaria de alguma maneira que

	magoasse ele também /Não faria nada.Não gosto de machucar as pessoas / Não faria nada,não gosto de ver as pessoas magoadas /Pagaria com a mesma moeda. Meu sonho é que as pessoas que exercem o <i>bullying</i> passem pela mesma experiência que as pessoas que sofrem com isso /Não faria nada, a vingança não é o melhor caminho, só causaria mais sofrimento / Nem sei o que faria, mas já sonhei em ser um super herói invisível e enquanto a pessoa tivesse no banheiro, eu bateria nela sem que ela soubesse quem foi, fazendo ela passar a mesma coisa que eu para aprender/Não faria nada, quem sofre preconceito merece, são pessoas que gostam de ser estranhas /Sofro <i>bullying</i> constantemente, mas fico tão chateado que nunca pensei nisso... por enquanto, ainda não sei como me vingaria /Não faria mal a eles, faria o que já faço, me distancio dessas pessoas /Faria o que já faço, resolvo tudo na porrada. Acho que só brigando para eles verem que não sou a baleia que eles acham que sou /Quando tivesse dormindo, estrangularia quem fica me zoando / Não sofro <i>bullying</i>, mas acho que teria vontade de matar um /Assim como no vídeo, me suicidaria. Acho que é a melhor opção. Acabar com tudo logo de uma vez /Chamaria a direção e falaria com meus pais, mesmo que a pessoa não pudesse me ver, acho que não teria coragem de fazer algo com ela.
P.3	Acho que o caminho mais fácil é a queixa na polícia /Denunciaria os agressores, daria conselhos a menina /Ofereceria minha amizade, pois o que ela precisava era da ajuda de amigos, que a abandonaram /Tentaria ajudar a menina me aproximando e a afastando das pessoas que a magoaram /A culpa foi da menina, que mostrou os peitos. Para evitar, simplesmente não deixaria tirar foto de uma parte íntima pela <i>webcam</i>/Acho que eu não conseguiria evitar, mas pensaria em mais campanhas, comerciais e, se fosse professor dela, passaria pros alunos histórias como a dela para conscientizar a todos / Denunciava para a polícia,

	rapidamente as ameaças iriam parar quando eles fossem presos / Nem sei, mas assim, acho que ela também poderia ter a sua própria dignidade, pois se expôs mostrando sua parte íntima a um desconhecido / Ser amigo dela e dar carinho nos momentos em que ela tentava se suicidar / Tentaria conversar com ela para não deixar se misturar com as amizades falsas / Iria convencê-la de não mostrar os seios, resolveria o problema / Essa menina cometeu um grande erro, ter confiado em uma pessoa que ela pouco conhecia. Depois que mostrou os peitos, não tinha mais escapatória. Tinha que ter evitado fazer isso. / Tomaria as providências corretas para que não chegasse a se matar / Primeiramente iria falar com meus pais para depois ir à delegacia para prender todos esses safados / O que sempre faço, falaria com minha mãe! Mas nunca adianta... ninguém faz nada mesmo / Nunca iria acontecer comigo, pois não teria a mesma atitude. Ela que deu mole mesmo / Conversaria sem mostrar minhas partes íntimas / Não tenho coragem de fazer nada, assim como acontece com a menina, acontece comigo, toda hora ficam me zoando e realmente dá uma vontade mesmo de mudar de colégio / Ser amigo dela e proteger das pessoas que fazem mal a ela / Procuraria as autoridades junto dos meus pais.
--	--

Fonte: dados da pesquisa

Discussão

Os dados expostos no gráfico e na tabela são preocupantes. Ao mesmo tempo em que todos os participantes afirmam conhecer o *bullying* e o *cyberbullying*, mais da metade sofriam ou já sofreram

repercussões negativas dos fenômenos destacados sem saber o como e por quem ser ajudados. Entre os 20 entrevistados, 40% já haviam pensado em abandonar a escola, sendo geralmente um dos motivos nesse tipo de caso, a falta de ajuda e solução quanto ao acontecimento, uma vez que as vítimas não se sentem seguras para

denunciar à direção escolar ou até a própria família e/ou professor de Educação Física.

Assim como em nosso trabalho, outros estudos demonstram índices alarmantes sobre o preconceito virtual. Em pesquisa realizada pela organização não governamental PLAN (*Foster Parents Plan for Children in Spain*) com 5 mil estudantes brasileiros de 10 a 14 anos, 17% já foram vítimas de *cyberbullying*. Desses, 13% foram insultados via celular e 87% por textos e imagens enviadas por *e-mail* ou redes sociais (SANTOMAURO, 2010).

Fernández (s/d.) demonstra que no ano de 2011 em Mendoza, na Argentina, 19% dos alunos entre 9 e 17 anos sofreram *cyberbullying*. No México em 2010, 4% das crianças e adolescentes. Em Portugal, no ano de 2011, cerca de 16% dos jovens. Em 2010, o estudo “*Juventud y Violencia*” realizado na Espanha, observou que cerca de 20% dos adolescentes espanhóis já haviam sofrido *cyberbullying*. Outra pesquisa realizada em 2011 em diversos países, como Espanha, Alemanha, Canadá, França, Austrália, Estados Unidos, Itália, Reino Unido e Japão constatou que

1 a cada 6 crianças sofreram algum tipo de agressão virtual.

Portanto, trata-se de um fenômeno que decorre em todo o mundo e que necessita de maiores reflexões e discussões, evitando repercussões negativas seguidas de suicídio, como o ocorrido no episódio da adolescente Amanda Todd, e de muitos outros jovens pelo mundo.

Perpassando para as informações de cunho qualitativo, permitindo maior exposição dos sentimentos, é possível perceber que a realidade da jovem canadense é semelhante à de alguns dos entrevistados.

Na pergunta 1, buscando entender quais eram os tipos de apelidos utilizados pelo agressor e como o agredido se sentia, verificamos que as falas, em abundância, se originavam de aspectos corporais e da diversidade sexual, culminando em revolta e tristeza por parte dos agredidos. Para Perfeito (2011), o fenômeno é explicado em parte pelo processo de estigmatização, em que o preconceito é aflorado devido aos signos de depreciação. São criadas ou identificadas marcas de descrédito que visam classificar o

indivíduo entre os grupos sociais. Assim, uma pessoa acima do peso será chamada de “baleia”, “hipopótamo” ou “gorducho” destituindo o valor social positivo e provocando a percepção de algo que precisa ser melhorado por parte do agredido, o segregando. Geralmente, esses sinais são captados pela visão, principal sentido utilizado para os distintos tipos de preconceito.

Além dos signos depreciativos, existe a possibilidade da chantagem (GOFFMAN, 1963) como o ocorrido com Amanda, e ainda, a criação do preconceito sem um sinal real, como no caso de atrelar a homossexualidade a uma pessoa heterossexual ou criar fotomontagens com características corporais inexistentes. Isto ocorre, pois o objetivo real do agressor é atingir um Imaginário Simbólico (IS), e não simplesmente a atribuição de algum apelido. A criação das marcas depreciativas perpassa o físico e visível e cria representações de vida, do sentir e perceber, que quando atingidos pelo preconceito, deterioram as redes de relacionamentos.

Por esse motivo, conceitos mais tradicionais, como os contidos

em Fante (2005), Lopes Neto (2005) e Maldonado (2011) são de suma importância, pois expõem que o *bullying* e o *cyberbullying* são um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento. No entanto, esta caracterização do preconceito cede brechas para explicações de cunho simbólico, uma vez que apenas relatar que as diversas manifestações do *bullying* correspondem ao conjunto de atitudes agressivas e repetitivas reduzem o fenômeno sofrido por Amanda e pelos alunos entrevistados a simplicidade do discurso direto e fechado. Perfeito (2013) nos alerta e explana que é preciso ir mais afundo pela análise dos discursos:

Não podemos simplesmente e somente pensar no *bullying* como uma violência escolar em que o agressor visa trazer transtornos físicos ou morais repetidamente e por longo tempo a outra pessoa, como o conceito exposto propositalmente no início do capítulo e reproduzido pela maioria dos autores que discutem o preconceito. Existe um diálogo que está por trás do compreensível aos olhos. Existe uma relação entre o agressor e o agredido que se media por representações simbólicas, que são construções

sociais que traçam possibilidades e limites que permitem palpar o mundo, o saber, a ideologia e a arte. Não consente significar a ideologia, mas sim perceber que as representações são um produto da cultura, e por isso, totalmente passíveis de aprendizado e modificações, que são moldados por símbolos criados e sentidos pela vida na sociedade. Tais representações, quando por meio do *bullying*, inscrevem marcas depreciativas nos indivíduos, sejam estes pertencentes à escola ou a qualquer outro local social (PERFEITO, 2013, p. 55).

Outro ponto importante que deve ser refletido pela escola e sociedade, é que o preconceito é um acontecimento antigo e não moderno como muitos pensam, sendo muito utilizado, por exemplo, no nazismo. Além disso, não se trata de um episódio esporádico ou de brincadeiras próprias da infância e adolescência, mas sim, de um fato violento que precisa ser pensado, discutido e ressignificado.

Quando analisadas as perguntas 2 e 3 percebemos que na primeira, ao serem indagados sobre o que fariam se sofressem algum preconceito e pudessem praticar algo sem ser punidos, muitos relataram que não fariam nada, outros, que procurariam ajuda na direção da escola e na polícia, enquanto que uma minoria relatou ter vontade de matar ou se vingar

fisicamente do agressor. E na segunda, quando questionados sobre o que fariam para evitar o que ocorreu com Amanda, foi possível perceber que estavam comovidos com a história e ofereceriam suporte e amizade à jovem, a acolhendo. Outros a culpavam, pois não deveria ter se despido, como nos trechos a seguir: "nem sei, mas assim, acho que ela também poderia ter a sua própria dignidade, pois se expôs mostrando sua parte íntima para um desconhecido" e "depois que mostrou os peitos, não tinha mais escapatória. Tinha que ter evitado fazer isso".

Os dados são interessantes, pois mostram ideias antagonistas entre os estudantes. Enquanto uns ajudariam se tornando amigos de Amanda, outros culpam a jovem por ter se vulgarizado despindo os seios. Independente de qual ação entendemos como correta, é perceptível que os entrevistados entendem a solução do caso como algo simples, bastando denunciar o episódio de *cyberbullying* para a polícia ou direção da escola, ou ainda, que o acolhimento emocional por uma amizade resolveria. Fica evidente que nosso sistema de ensino, pertencente à rede

particular ou pública, ainda é falho quanto ao estímulo reflexivo entre professor/aluno/funcionário quando a temática preconceito está em pauta. As soluções apontadas pelos discentes foram tomadas pela família de Amanda, no entanto, devido à complexidade do caso, sem sucesso em sua resolução.

Possíveis motivos para a dificuldade em resolver o caso de Amanda estão nas características do *cyberbullying* já discutidas anteriormente, como a possibilidade do anonimato e facilidade de disseminação da informação pelas redes sociais e celulares. Um detalhe é sabido por todos os pesquisadores, não existe uma solução para o problema, mas podemos estimular nossos alunos a discutir os transtornos que a utilização negativa da tecnologia pode causar. Segundo Belsey (2009), ao utilizarem a tecnologia para propagar a violência e humilhações, os discentes o fazem por meio das redes sociais, *e-mails*, envio coletivo de imagens e vídeos, mensagens instantâneas via celular, dentre outros meios de comunicação eletrônicos. O ciberespaço tem sua entrada tão deliberada para a propagação do

comportamento hostil, que muitos indivíduos o acessam somente com o objetivo de injuriar, caluniar e prejudicar alguém.

A tecnologia, o ciberespaço, a informática e mais precisamente a *internet*, podem ser utilizadas como ferramenta pedagógica inclusive, no entanto, se utilizada de maneira errada pode causar o preconceito virtual. Utilizar a rede é algo comum e muito simples, podendo ser acessada pela *internet* de qualquer lugar, por celulares, computadores e tablets. Isso dificulta o controle dos pais e aumenta a liberdade das crianças e adolescentes, uma vez que informações podem ser acessadas de forma sigilosa. Em complemento, segundo Prados (2006), a *internet* desperta em alguns jovens o sentimento de que não existem normas, regras e nem moralidade que regule a vida na rede, de maneira que pode ser utilizada para o bem ou para o mal. Isso pode incitar a propagação dos atos de violência e do fenômeno *cyberbullying* entre os jovens. Embora se pareça com as consequências do *bullying*, os danos do preconceito virtual são ainda maiores, pois como aconteceu com a Amanda e com

alguns dos entrevistados, a *internet* garante um esconderijo quase sem rastros para o agressor, dificultando os mecanismos de resposta e proteção aos tipos de humilhação possíveis nesse ambiente. Se a escola não está preparada para o preconceito tradicional, o que diríamos quanto ao virtual?

Para Li (2006), há um número significativo de jovens que já sofreram este tipo de violência devido à rápida propagação que as redes sociais oferecem. Santomauro (2010) afirma que de acordo com dados da Fundação Telefônica do estado de São Paulo de 2008, 68% dos adolescentes ficavam online pelo menos uma hora por dia durante a semana; outra pesquisa próxima a data da anterior, feita pela ComScore, diz que os jovens com mais de 15 anos acessam os *blogs* e as redes sociais cerca de 46,7 vezes ao mês. Estes dados demonstram que os adolescentes, quando estão em casa, passam muito tempo conectados à *internet*, e a maior parte, em dados de Zamboni e Bozza (2010), se relacionando com outros a partir de sites e programas de conversas instantâneas. E se utilizam a tecnologia

constantemente, é possível que sejam instigados a maximizarem informações positivas, e não negativas. No entanto, é preciso que tal ideia seja trabalhada principalmente na escola, local de construção do saber.

Considerações finais

Alguns documentos nos ajudam a entender, mesmo que minimamente, os motivos que estimulam os jovens a optar pelo suicídio, como o fez Amanda. Segundo a OMS (2000) o suicídio está entre as dez principais causas de óbito para todas as pessoas maiores de cinco anos de idade. Em outro estudo, OMS (2002) afirma que o mesmo é uma das quatro principais causas de morte entre as pessoas com idade entre 15 e 44 anos, tanto em países desenvolvidos, como em países em desenvolvimento. Esses dados mostram-se bastante expressivos e espantosos devido à natureza do atentado e, sobretudo, se observarmos a idade inicial, em que inclusive crianças provocam sua própria morte.

Para Viana *et al.* (2008), o Brasil apresenta um índice de

aproximadamente 5 suicídios para cada 100 mil habitantes. De acordo com o estudo, homens são mais acometidos que mulheres. Este fato se sustenta devido a estudos epidemiológicos que indicam que apesar das mulheres tentarem mais suicídios que os homens, estes utilizam métodos mais letais, alcançando então maior “êxito”. A faixa etária mais acometida é a entre 15 e 34 anos, demonstrando certa semelhança com os dados expostos pela OMS (2002). Quanto aos métodos mais utilizados para o suicídio, o enforcamento é o de maior frequência tanto em homens quanto em mulheres, justamente o utilizado por Amanda, seguido de intoxicação medicamentosa e overdoses por drogas ilícitas.

De acordo com os autores Werlang e Botega (2004), o comportamento suicida pode ser entendido como todo ato pelo qual um indivíduo causa lesão a si mesmo, qualquer que seja o grau de intenção letal. Esta noção permite conceber o comportamento suicida como um *continuum* que inicia com pensamentos de autodestruição, passando para ameaças e gestos, tentativas de suicídio e, finalmente, o ato suicida

propriamente dito. Ainda existem os casos onde o indivíduo não tem êxito em sua tentativa autodestrutiva, caracterizando-se pela literatura como tentativa de suicídio. Tanto o suicídio como sua tentativa geralmente são atos planejados, onde a pessoa tem prévias pretensões em consumir o atentado à própria vida, levando a si mesmo, o óbito.

Apesar de não se tratar de uma solução, uma vez que estamos refletidos à luz de olhos externos ao ocorrido, o caso de Amanda Todd poderia ter tido um rumo diferenciado caso profissionais da escola ou a própria família se atentassem as etapas do suicídio ou intervissem anteriormente, quando o *cyberbullying* se instalava na trama. Como já relatamos, o preconceito precisa ser debatido e refletido nas salas de aula.

Com a popularização da *internet*, novas formas de violência podem ser praticadas. Amanda deixa explícito em seu vídeo que um dos motivos de seu suicídio foi a clara consciência da incapacidade de resolver seu caso por parte da família, polícia e escola. Se existia uma grande dificuldade em encontrar o agressor e combater o

evento, de forma contrária, ocorria a facilidade em expor os dados que ridicularizavam a jovem.

Com base nos dados coletados, torna-se evidente que a prática do *bullying* e do *cyberbullying* tornou-se um fato comum entre os jovens, podendo alcançar proporções grandiosas como no caso de Amanda. Diversos fatores podem desencadear o ato suicida, como problemas familiares e sociais, o uso de álcool e drogas, depressão, agentes estressores extremos. Todavia, além dos fatores citados, não temos dúvida de que a violência virtual é um agente instigador de grande impacto. Assim, em últimas palavras acreditamos que existe uma maior necessidade de preparo da escola tanto em entender quais ações são as mais cabíveis em tais episódios, como maior investimento em discussões que visem o melhor conviver com o outro. De fato, todos os alunos já ouviram falar sobre o

bullying e o *cyberbullying*, no entanto, diante da análise de seus discursos, não possuem qualquer conhecimento relevante quanto às repercussões que podem causar a terceiros ao praticarem tanto a violência física como a simbólica. Alguns ainda se rendem passivamente ao preconceito por se acharem frágeis devido à inoperância da escola e do professor.

Acreditamos que o preconceito é uma construção social e, portanto, passível de ser entendido, construído e também desconstruído nos acordos mútuos de se viver em sociedade. Assim, finalizamos o texto com a conclusão de que os estudantes brasileiros da determinada escola pesquisada não possuem conhecimentos satisfatórios quanto ao preconceito virtual, destituindo dos mesmos, a oportunidade de refletir e ressignificar suas condutas.

Referências

BARBOSA, A; CAPPI, J; TAVARES, R. Redes sociais: revolução cultural na Internet. *Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da*

comunicação no brasil 2005-2009, p. 51, 2005.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa. Portugal: Edições 70, LDA, 2009.

BELSEY, B. *What are the forms that cyberbullying might take?*, 2009.

Disponível em:

<<http://www.cyberbullying.ca>>.

Acessado em: 25/08/2013.

CASSIRER, E. *Ensaio sobre o Homem*: introdução a uma filosofia da cultura humana. Martins Fontes: São Paulo, 1994.

FANTE, C. *Fenômeno Bullying*. São Paulo: Verus Editora, 2005.

FERNÁNDEZ, J. *Ciberbullying*: ciberacoso escolar entre menores. Disponível em: <<http://www.ciberbullying.com/cyberbullying/incidencia-del-ciberbullying>>. Acesso em: 03/09/2013.

GARCEZ, A. *Representações sociais do cyberbullying na mídia e na escola*. Tese de doutorado. Pontífica Universidade Católica do Rio de Janeiro: 2014.

GOFFMAN, E. *Stigma*: notes on the management of spoiled identity. Englewood Cliffs: Prentice- Hall, 1963.

LI, Q. New bottle but ould wine: A research of ciberbulluing in schoools. *Computers in Human Behavior*, v. 23, n.4, p.1777-91, 2007.

LOPES NETO, A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. Rio de Janeiro, *Sociedade Brasileira de Pediatria*, v. 8, n. 5, p. 164-172, 2005.

MALDONADO, M. *Bullying e cyberbullying*: o que fazemos com o que fazem conosco. São Paulo: Moderna, 2011.

MASON, K. Cyberbullying (intimidação psicológica com a ajuda da tecnologia): Avaliação preliminar

no ambiente escolar. *Psychology in the Schools*, v. 45(4). Universidade Estadual de Cleveland, 2008.

OMS. Organização Mundial da Saúde. *Prevenção do suicídio*: manual para médicos clínicos gerais. Genebra: OMS; 2000.

OMS. Organización Mundial de La Salud. *Informe mundial sobre la violencia y la salud (sinopsis)*. Ginebra: OMS; 2002.

PERFEITO, R. *A Educação Física e o bullying*: a desutilização da inteligência. Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2011.

PERFEITO, R. Ambientes escolares e sociais moldados pelo Cyberbullying e suas consequências perante crianças e adolescentes. *Adolesc. Saude*. Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 59-63, jan/mar, 2012.

PERFEITO, R. *Jogos cooperativos contra o bullying*: uma possível ferramenta para o combate da violência. Rio de Janeiro: CBJE, 2013.

PINHEIRO, P. *Direito digital*. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

PRADOS, M. Menores y riesgosen La Red: Un dilema para lós padres. *III Congreso online*. Observatorio para La Cibernsiedad, 2006.

ROSSETTI, A. et al. A organização baseada no conhecimento: novas estruturas, estratégias e redes de relacionamento. *Ci. Inf.* vol. 37, n.1, pp. 61-72. 2008.

SANTOMAURO, B. Violência Virtual. *Nova Escola*. São Paulo: n 233, p.66-73, junho/julho. 2010.

SILVA JÚNIOR, J. Do hipertexto ao algo mais: usos e abusos do conceito

de hipermídia pelo jornalismo on-line.
In: LEMOS, A; PALACIOS, M (orgs.).
Janelas do Ciberespaço:
Comunicação e Cibercultura. Rio
Grande do Sul: Editora Sulina, 2001.

THOMAS, J; NELSON, J;
SILVERMAN, S. Método de pesquisa
em atividade física. 6. ed. Porto
Alegre: Artmed, 2012.

VIANA, G; ZENKNER, F; SAKAE, T;
ESCOBAR, B. Prevalência de

Suicídio no Brasil, 2001-2005. *Jornal
Brasileiro de Psiquiatria*, 57(1), 38-43,
2008.

WERLANG, B; BOTEAGA, N.
Comportamento suicida. Porto
Alegre: Artmed; 2004.

ZAMBONI, E; BOZZA, T. *Os jovens e
a cultura contemporânea*. Pesquisa
de iniciação científica em
desenvolvimento na Faculdade de
Educação da UNICAMP, 2010.